

EDUCAÇÃO E IMPRENSA:
FOLHA DA SERRA –
REVISTA MENSAL ILUSTRADA

(Sul de Mato Grosso, década de 1930)

Eglen de Oliveira Passone
Kênia Hilda Moreira

EDUCAÇÃO E IMPRENSA:
FOLHA DA SERRA –
REVISTA MENSAL ILUSTRADA

(Sul de Mato Grosso, década de 1930)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Passone, Eglem de Oliveira

Educação e imprensa : *Folha da Serra* – Revista Mensal ilustrada : (Sul de Mato Grosso, década de 1930) / Eglem de Oliveira Passone, Kênia Hilda Moreira. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021. – (*Leitura História e História da Leitura*)

Bibliografia.

ISBN 978-65-86089-70-7

1. Bibliotecas públicas – Brasil – Campo Grande (MS) 2. Educação 3. *Folha da Serra* (Revista) 4. Imprensa 5. Meios de comunicação 6. Periódicos ilustrados – Brasil – Mato Grosso do Sul (MS) I. Moreira, Kênia Hilda. II. Título. III. Série.

21-63529

CDD-370.98171

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e imprensa : Mato Grosso do Sul :
Revista da *Folha da Serra* : Educação 370.98171

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final das autoras
bibliotecária – Cibele Maria Dias CRB-8/9427

apoio institucional
**Universidade Federal da
Grande Dourados**

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®
VR GOMIDE ME
Rua João da Cruz e Souza, 53
Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116
Campinas SP Brasil
www.mercado-de-letras.com.br
livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL
IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Ao Edno Passone
(In memoriam)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
<i>Adriana Aparecida Pinto</i>	
INTRODUÇÃO	13
A IMPRENSA: PERCURSOS DE CRIAÇÃO, PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DA <i>FOLHA DA SERRA</i>	23
Dimensões materiais de produção da <i>Folha da Serra</i>	26
Dimensões de circulação da <i>Folha da Serra</i>	52
A CIDADE: CAMPO GRANDE ANUNCIADA PELA <i>FOLHA DA SERRA</i>	75
Campo Grande ao sul de Mato Grosso	76
Campo Grande e seu entorno pelos anúncios e propagandas.	110
A EDUCAÇÃO: ENSINO FORMAL NAS PÁGINAS DA <i>FOLHA DA SERRA</i>	135
As escolas anunciadas nas páginas da <i>Folha da Serra</i>	141
Escola dos filhos dos funcionários da Ferrovia, educação técnica e profissionalizante	154
Ensaio de Ensino Superior em Campo Grande nos anos 1930.	160

A BIBLIOTECA: A EDUCAÇÃO EXTRAESCOLAR PROMOVIDA PELA <i>FOLHA DA SERRA</i>	167
Gênese e funcionamento da Biblioteca Pública de Campo Grande	175
Eventos produzidos pela Sociedade da Biblioteca de Campo Grande.	181
À GUISA DE CONCLUSÃO	187
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	191

PREFÁCIO

*Trabalho com a palavra, e ao
busca-la, sou encaminhado
por ela, que se desdobra
e aponta caminhos.
(Manuel de Barros).*

As palavras têm ponto de partida, mas não determinantes dos seus pontos de chegada, acolhida e sentidos. São força, são beleza, são candura, são reflexo, são reflexivas, são amores, são horrores... e quem se dedica ao estudo dos impressos precisa, a meu ver, partir dessas premissas da sensibilidade, ao lado das premissas teóricas e metodológicas que orientam toda e qualquer produção de qualidade no cenário universitário intelectual, para realizar estudos com documentação relacionada à tipologia dos escritos impressos.

É assim que, embalada por Manuel de Barros, fui brindada com a leitura das páginas deste livro de Eglem e Kênia, que por sua vez apresento aos leitores.

A *Folha da Serra*, assim como Manuel, escolheu Campo Grande para viver, para ser um veículo de imprensa que comunicava interesses às mulheres, a um certo público mais seletivo, e traduzia em suas páginas, alguns costumes em comum, parafraseando livro de Edward Thompson, de mesmo nome. Não sem interesses, não sem finalidades, em boa medi-

da capturadas pelos exames atentos que se observam na obra, mas todos perpassam à importância de se reconhecer, para a época, a ousadia em se investir recursos em uma revista periódica, como a que ora se apresenta.

Esta “Folha” flanou, divulgando a cidade morena, pulsante, pungente, com ares cosmopolitas na década de 1930, o que imprimia ao sul de Mato Grosso um, certa relevância no cenário estadual, acolhendo e recolhendo referências culturais, intelectuais de várias localidades do país, e externas a ele. Desvelou conteúdos educativos, dimensões educativas, como bem pontuam as autoras, que contribuem, sem dúvida, para forjar certo conjunto de práticas recomendáveis à sociedade de seu tempo. Ganhou ares de divulgação científica e intelectual, resultante de anos de leituras, esforços de compreensão, amadurecimento, reflexão e, sobretudo, sensibilidades.

A obra que lemos a seguir, evidencia um coletivo de adjetivos que seria difícil precisar, dada a sua relevância para o cenário das pesquisas históricas em educação da região Centro-Oeste, sobejamente na região do atual Mato Grosso do Sul, por vezes alijada dos processos de configuração histórica local, em detrimento de outras localidades.

O estudo desvelado em livro se apresenta, e assevero, como importante dispositivo de comunicação da história de seu tempo, com suas marcas de leituras, eximamente pontuadas pelos estudos que perpassam aos capítulos da obra, em um compromisso de dar a ler, nas palavras de Roger Chartier, um produto cultural verbo-visual: com palavras, ilustrações, que permitem recompor cenários, histórias, ativar/acionar memórias, tecer críticas, estabelecer contrapontos, escrever dissertações e teses, ou, simplesmente, como possivelmente foi feito à época de sua produção, servir ao bem comum...

Ao organizar a estrutura interna por temáticas interdependentes, a saber: a imprensa, a cidade, a educação e a biblioteca, as autoras nos conduzem há um mosaico de leituras intuitivas que demonstram o quão complexo e deslumbrante é o fenômeno educacional, e suas formas de apresentação, representação e apropriação, mediadas por arcabouço conceitual que promove a compreensão dos capítulos, se lidos individualmente ou no conjunto da obra.

Tenho asseverado, há mais de uma década, que a imprensa e os impressos, sejam especializada/os em ensino/educação, periódica/os de circulação geral, fascicular/es, estudantil/s, mediadas pelo suporte físico – impresso -, são fontes que dão e darão muito vigor aos estudos históricos em educação.

A presente obra é, na minha modesta opinião, uma forma efetiva de materializar meu pensamento, e, como sinaliza nosso ilustre e eterno Manuel de Barros, que sejamos todos e todas encaminhados pelas belas e bem colocadas palavras de Eglem e Kênia, neste momento de cultura, conhecimento e aprendizagem.

Adriana Aparecida Pinto
Dourados, Mato Grosso do Sul, Verão de 2021.

INTRODUÇÃO

Considerando que a imprensa se constitui como importante meio de transmissão de valores, crenças, hábitos e saberes, o objetivo do presente livro é identificar e analisar as dimensões educativas que perpassaram as páginas da *Folha da Serra – Revista Mensal Ilustrada*, produzida na cidade de Campo Grande, capital do atual estado de Mato Grosso do Sul,¹ com circulação em toda a região. Para tanto, apresentamos os percursos de criação, produção e circulação deste impresso, que também nos permitiu evidenciar características socioeconômicas e culturais que deram as bases para a educação formal e não formal expressas na revista.

O primeiro número da *Folha da Serra* foi lançado em outubro de 1931 e o último, número 48, em dezembro de 1940, o que justifica o recorte temporal delimitado nos anos 1930. A revista apresentou, durante seus 10 anos de existência,² conteúdos diversos (história, poesia, literatura, atualidade em nível regional, nacional e internacional, notas de falecimento, aniversários, nascimentos, casamentos, eventos em geral, avisos etc.) – contribuindo com diferentes dimensões educativas. Tomamos por dimensão educativa um espaço abstrato que agrega tanto a educação formal, como a não formal, a informal e tudo aquilo que produz um educar, ou seja, tudo aquilo que por meio da leitura do periódico *Folha da Serra*

-
1. A divisão territorial de Mato Grosso aconteceu em 1977, com a Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro, dando origem ao estado de Mato Grosso do Sul.
 2. Criada e mantida pelo editor Aguinaldo Trouy, proprietário da tipografia Aguinaldo Trouy & Cia, em Campo Grande.

produziu, conduziu, determinou estrategicamente uma determinada maneira de enxergar o mundo.

O impresso não pedagógico, como é o caso da *Folha da Serra*, pode ser interpretado “como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes” e principalmente, “como importante estratégia educativa”, como afirma Faria Filho (2002, p. 134). Campos (2012, p. 56), por sua vez, afirma que “os periódicos não especificamente pedagógicos se transformaram num dos mais significativos veículos de divulgação de ideias, valores e representações sociais nas primeiras décadas do século XX”, e que por esse motivo, “deveriam ser analisados com vagar pelos historiadores da educação”, o que significa, a nosso ver, considerar a educação, para além dos processos de escolarização.

Desse modo, as dimensões educativas a que nos referimos devem ser compreendidas numa perspectiva global, em que as três modalidades de educação, como afirma Cavaco (2003, p. 130), ou seja, educação formal, não formal e informal “se apresentam como complementares entre si, e nenhuma, por si só, consegue responder às necessidades formativas dos indivíduos”. Como afirma a autora, não se trata de menosprezar a educação formal, mas de “identificar outras vias, menos estudadas e reconhecidas, que têm um importante papel na aquisição de saberes ao longo da vida, evidenciando-se como fundamentais no processo formativo das pessoas” (Cavaco 2003, p. 126).

Como Campos (2012, p. 62), ao analisar a imprensa, buscamos nas páginas da *Folha da Serra* “os sentidos que os homens do passado conferiram ao mundo por meio de imagens, palavras, notícias, entrevistas e propagandas estampadas em páginas hoje amareladas”, bem como “as formas como os grupos que confeccionaram tais folhas as consumiram e as puseram em circulação”. Além disso, buscamos “as formas como os homens do passado olharam o mundo, se deram a ver no mundo, buscaram ensinar o outro a olhar este mundo de uma determinada maneira”.

Considerando que “em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”, conforme Certeau (2000, p. 81), os procedimentos de localização, acesso e seleção do conjunto que forma o acervo completo

da *Folha da Serra* foram possíveis graças aos seguintes acervos visitados: Acervo professor José Pereira Lins, na Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA), Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), em Cuiabá, e Centro de Documentação Regional (CDR), da UFGD.³

De posse dos 48 números publicados e considerando, em conformidade com Chartier (1990, p. 127), que “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler” e cientes que texto, suporte e leitura formam o tripé da análise do impresso, questionamos sobre quais eram os objetivos do impresso, quem eram seus editores, o que era transmitido aos leitores, quais foram as representações utilizadas como modelo, o que as imagens e os escritos revelam, qual a materialidade da revista e como ela se apresenta ao leitor.

Para responder a essas indagações, faz-se necessário considerar as questões históricas que compõem o período em que a revista *Folha da Serra* estava inserida na década de 1930. Destacamos a Revolução Constitucionalista de 1932 e o movimento Marcha para o Oeste, criado por Getúlio Vargas, com o intuito de avançar e nacionalizar as fronteiras, a censura da imprensa com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tendo em vista, as discrepâncias de interesses de grupos de Campo Grande, sul do estado e de Cuiabá, além da política centralizadora imposta por Vargas. Esse cenário influenciou a imprensa local, além das ideologias de modernidade e progresso estimuladas no discurso varguista.

Faz-se necessário considerar ainda a influência do governo da Era Vargas (1930-1945) no sertão mato-grossense e como essa influência política se fez presente na materialidade da revista. Questionamos sobre a produção e circulação da *Folha da Serra* em Mato Grosso em meio às ações políticas que perpassaram a Era Vargas, propondo novos hábitos, saberes e valores, influenciando a formação de um novo cidadão, que atendesse a nova proposição de modernidade, tendo em vista que, para a região de Mato Grosso como um todo na década de 1930, a definição de moderno

3. No Acervo Lins foram encontrados 35 números, no ARCA 19, no APMT apenas um e no CDR três. Esse levantamento nos permitiu localizar os 48 números publicados pela Revista *Folha da Serra* entre 1931 e 1940.

se resumia aos grandes centros da época, como as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.⁴

Os meios de comunicação mato-grossenses, dialogaram e recriaram, à sua maneira, as ideias de progresso idealizadas pelo governo Vargas ao coincidir com o ideal maior das elites – social, letrada, econômica e política – campo-grandense, de promover o sul do estado de Mato Grosso, construindo uma identidade e representação dos grupos locais. A *Folha da Serra* deixa bem claro desde seu primeiro número, em 1931, que o objetivo maior do periódico era contribuir para o “progresso e engrandecimento do nosso torrão natal” (*Folha...*, nº 1 out/1931, p. 13). Nesse sentido, a revista tinha como ambição “modelar seu próprio tempo”, segundo seus interesses (Fabre 1991, p. 11, *apud* Luca 2011), o que nos leva a questionar sobre o modelo de sociedade propagado nas páginas deste impresso; quem estava por trás das publicações; qual o propósito de elaboração e manutenção do referido periódico; quais os principais conteúdos veiculados; quais dimensões educativas a revista perpassava em seus conteúdos; dentre outras, que ao longo do texto foram sendo construídas.

Para responder a estas perguntas criamos, como procedimento metodológico de análise, um banco de dados que consiste em uma plataforma *online*⁵ que disponibiliza vários dados sobre a *Folha da Serra* e nos permite gerar alguns gráficos de análise. Como forma de alimentação do banco de dados criamos um quadro com os dados a seguir: título do conteúdo; tema do conteúdo; ano da revista; número do periódico; página; gênero textual; autor do conteúdo e se apresenta ou não imagem.

O banco de dados foi o ponto de partida para a elaboração de quadros e gráficos, pois a estrutura oferece múltiplas abordagens, reunidas

-
4. A Era Vargas corresponde a uma época de transformações ocorridas em nível de estrutura, atores e instituições presentes no Brasil de ontem e de hoje, como expõe Pandolfi (1999), especialmente, a partir do Estado Novo, em 1937. Trata-se de um período diferenciado, com constantes interferências do Estado na vida pública e também privada. Seus feitos se detiveram em prol de elevar a nação a um nível de desenvolvimento equacionado ao padrão de modernidade do período, o qual já era almejado, desde os primórdios da República, como evidenciam os periódicos do século XIX analisados por Pinto (2013) e Vezzani (2013), dentre outros.
 5. Disponível em: <http://folhadaserra.esy.es/>. Acesso em: 09/02/2017. A plataforma online foi criada pelo professor mestre Lucas de Souza Rodrigues.

de uma maneira organizada, ao mesmo tempo homogênea (reunião das análises de todos os números da *Folha da Serra*) e heterogênea (a partir da função de busca oferecido pela plataforma). Outra vantagem que contribuiu para a escolha em utilizar o banco de dados, foi a opção de filtro de pesquisa que o mesmo oferece, uma vez inserido no banco, o acesso de qualquer conteúdo se torna rápido e preciso, além de propiciar futuras possíveis buscas.⁶ Tal procedimento foi necessário tendo em vista a amplitude dos conteúdos que compõem a *Folha da Serra*, aqui tratada como fonte/objeto de pesquisa.

O uso da imprensa como fonte/objeto de pesquisa na História e na História da Educação, ganha espaço a partir do surgimento de uma visão ampliada sobre o uso das fontes, que tem início com Lucien Febvre e Marc Bloch ao lançarem o primeiro número da revista *Les Annales d'Historie Économique et Sociale*, em 1929 na França, que segundo Le Goff (2003), propiciou num “ato que fez nascer a nova história” (Le Goff 2003, p. 129). Essa difusão do uso do impresso proporcionou o distanciamento “de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade”. Nas últimas décadas, entretanto, “incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar”, como afirmam Cruz e Peixoto (2007, p. 254).

Para a análise, consideramos, como lembra Chartier e Roche (1995, p. 99), que a intencionalidade nos impressos é fruto do mercantilismo que torna o impresso “como mercadoria produzida para o comércio e para o lucro; e como signo cultural, suporte de um sentido transmitido pela imagem ou pelo texto”. Nesse sentido, os impressos “cimentam as sociabilidades e prescrevem os comportamentos, atravessam o foro privado e a

6. Sobre a ortografia dos textos apresentados na *Folha da Serra*, fizemos uma versão transcrita para as regras ortográficas atuais, por dois motivos: primeiro porque a ortografia passava por período de mudanças na época, e a própria revista variava na escrita de uma mesma palavra; segundo, porque a padronização da escrita facilitaria o uso do banco de dados criado por nós, como parte dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

praça pública, levam a crer, a fazer ou a imaginar”, como afirma Chartier (1990, p. 138).

E como impresso, nosso objeto de pesquisa caracteriza-se pela ordem da imprensa, do gênero revista, – mais especificamente ilustrada – comumente apresentada como um meio termo entre o jornal e o livro. Luca (2005, p. 121) observa que o gênero revista caracteriza-se pela “apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reserva amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado”, com o objetivo de “agradar a diferentes leitores”. E como impresso da ordem da imprensa de circulação restrita (por assinatura) e geral (de variedades), a Revista Ilustrada *Folha da Serra*, será analisada como “ambientes de sociabilidade entre pares, espaços de visibilidade de determinados grupos e de silenciamento de outros”, e ainda, como “locais privilegiados para a constituição de distinções simbólicas e para a construção, reconfiguração e exposição de valores, ideias e sensibilidades”, como expõe Campos (2012, p. 64).

A *Folha da Serra* também será analisada mais como “fragmentos verossímeis da cultura de um tempo e de um espaço” do que “como provas fidedignas do passado”, levando em consideração, além do “repertório cultural dos envolvidos na sua leitura/escrita, também os interesses econômicos e ideológicos envolvidos na sua edição”. O que nos leva a “reconhecer e problematizar o espaço gráfico dado para esta ou aquela crônica, propaganda, notícia ou artigo” (Campos 2012, p. 67, grifo do autor). Nesse sentido, o olhar pode ser banalizado pela imprensa em geral, mas a análise guarda significativas distinções, sobretudo, no que se refere as revistas ilustradas e suas finalidades.

Consideramos ainda, a análise da materialidade da *Folha da Serra*, em conformidade com Biccás (2008), que alerta ser essencial perceber os processos simbólicos que o modelam, ordenam e condicionam, procedimentos tácitos em sua maioria, que determinam a percepção que o leitor deverá seguir, a formatação editorial é um deles, sobretudo o caso da *Folha da Serra*, uma revista ilustrada, ricamente composta pelo diálogo entre a fotografia e o texto na elaboração e exposições de sentidos. Tais constatações nos alertaram para a necessidade da compreensão dos conceitos de tática e estratégia formulados por Michel de Certeau como referenciais teóricos de análise.

Os conceitos de tática e estratégia segundo Certeau (1998) são de natureza distintas, possuem características distintas, mas não se opõem um ao outro, são conceitos articulados e interligados. Tática e estratégia são “heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses e de desejos *diferentes*”. Segundo o autor, “elas circulam, vão e vêm, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos de uma ordem estabelecida”, não se tratando “de um líquido, circulando nos dispositivos do sólido, mas de *movimentos diferentes*, utilizando os elementos do terreno” (Certeau 1998, pp. 97-98, grifo do autor). Esses ditos movimentos diferentes são, segundo Certeau (1998), astuciosos e invisíveis, pois por meio de “critérios próprios, selecionam fragmentos tomados nos vastos conjuntos da produção para a partir deles compor histórias originais”, desta forma, “elas circulam sem ser vistas” ao contabilizar somente “*aquilo que é usado, não as maneiras de utilizá-lo*” (Certeau 1998, p. 98, grifo do autor).

Para responder as questões de pesquisa em torno das dimensões educativas presentes na *Folha da Serra*, cabe considerar que ao utilizar a imprensa periódica como fonte e objeto de investigação, faz-se necessário atentar-se para às intenções e subjetividades próprias desse tipo de documento. Na busca por compreender os sentidos presentes neste tipo específico de fonte e objeto, tomamos a *Folha da Serra* como impresso “verbo-visual”, entendido como “expressões sincréticas da linguagem humana, de um determinado tempo, espaço e esfera de comunicação”, em conformidade com Campos (2015, p. 34). A *Folha da Serra* apresenta em sua composição uma linguagem tanto verbal quanto visual que unidas constroem o sentido do texto, logo a *Folha da Serra* é um texto sincrético, pois apresenta diferentes linguagem hibridizadas (Campos 2015, p. 54). Nesse sentido, “Teremos as palavras, as frases, bem como os desenhos, os traçados, as fotos, as imagens visuais, tudo enfim, examinado como verdadeiramente um todo” (Campos 2015, p. 54, *apud* Discini 2010, p. 130).

Outro conceito que utilizamos nas análises da *Folha da Serra* foi o de representação, como apresentado por Chartier (1990, 2002), para quem as representações “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjaram”, sendo necessário, para cada caso, o “relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem

estratégias e práticas” que “tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”. Desse modo, a investigação sobre as representações, “supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”, conclui Chartier (1990, p. 17).

A partir desse conceito de representação analisamos a revista *Folha da Serra* como portadora de conjuntos de discursos que buscam inculcar, disciplinar, modelar, enquadrar condutas e pensamentos, como expõe Chartier (2002, p. 53), tendo em vista que é por meio das representações que indivíduos ou grupos constroem sentidos ao mundo, por meio de “classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real, variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas”, específicas do grupo. “São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e os espaços são decifrados” (Chartier 1990, p. 18).

Neste sentido, buscamos identificar e compreender os discursos que perpassaram as páginas da *Folha da Serra*, conscientes de que “em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier 1990, p. 16). Seguindo o caminho proposto por Chartier (1990) e Darnton (1992, 1996), percebemos a necessidade de compreender as narrativas e possíveis leituras da revista, não somente pelo conteúdo escrito, mas também pelo proposto nas imagens. Compreendendo, no entanto, que escrita e imagem não tratam de conteúdos desvinculados, pelo contrário, se complementam.

No que diz respeito à análise das imagens, enquanto fonte histórica, elas possuem peculiaridades, carregadas de representações e significados, possuidoras de linguagem própria, em relação ao seu conteúdo e suas relações sociais, bem como, à produção e usos sociais. No que tange a análise das fotografias,⁷ que compõem grande parte das ilustrações na

7. Como mostram os trabalhos de Mauad (1996; 2005); Kossoy (2001); Meneses (2003); Borges (2003); Burke (2004); Abdala e Vidal (2005); Diker e Frigerio (2009);

Folha da Serra, consideramos Pierre Bourdieu (2003), ao afirmar que a fotografia é envolta de valores estéticos e éticos determinados por um grupo social e temporal específico. Portanto, as fotografias são produzidas por um composto de imagens, contextos sociais, políticos e culturais, os quais necessitam de explicação. As fotografias são históricas, dependem tanto da variável técnica, quanto da estética do contexto histórico que as gerou, bem como, das concepções múltiplas de mundo que compõe o jogo social, assim, as fotografias são compostas de cicatrizes, que permitem ao historiador ver o passado que as produziu e consumiu (Mauad 2005, p. 143). As fotografias publicadas na *Folha da Serra* foram produtos sociais representativos de uma parcela da sociedade mato-grossense, e suas representações visuais impostas por determinados segmentos sociais estiveram constantemente presentes ao longo das páginas do periódico entre 1931 à 1940.

O presente livro é fruto de uma pesquisa inédita, considerando que nenhuma investigação publicada até o momento apresentou a *Folha da Serra* como fonte principal ou objeto de pesquisa, de acordo com o levantamento das produções.

Não localizamos pesquisas que utilizaram a *Folha da Serra* como fonte principal e/ou objeto de pesquisa. A análise dos 11 trabalhos localizados – cinco artigos (Santos e Centeno 2007; Farias 2008;⁸ Oliveira e Rodrigues 2008; Morgado 2011; Neres e Correa, 2009) quatro dissertações de mestrado (Trubiliano 2007; Moro 2007; Rocha 2010; Britez 2014), e duas teses de doutorado (Trubiliano 2014; Rahe 2015) – indicam que o número 23 da *Folha da Serra*, de 1933, foi utilizado como fonte em seis trabalhos, o número 26, de 1936, o número 37, de 1935 e o 48, de 1940, foram utilizados uma vez. Em dois trabalhos não foi possível identificar os números utilizados. Em síntese, o número mais utilizado da revista foi o 23, de agosto de 1933.⁹ Esse balanço da produção reforça a falta de estudos sobre/com a *Folha da Serra* e a importância desta pesquisa, aqui apresentada em forma de livro, dividida em quatro capítulos:

Carvalho e Lima (2008); Carvalho (2009), dentre outros especialistas no assunto.

8. O trabalho completo não foi encontrado, apenas o resumo.

9. Apenas um trabalho (Rahe 2015), indicou a localização do número da revista utilizado, afirmando ser no ARCA, entretanto, tal Arquivo não possui o número completo da revista indicada (número 23, de 1933). A possibilidade de ter este número completo é a junção de três Arquivos: ARCA, APMT e Acervo Lins.

O primeiro, denominado “A imprensa: percursos de criação, produção e circulação da *Folha da Serra*”, objetiva apresentá-la como fonte/objeto de investigação, a partir de duas perspectivas, em especial: “Dimensões materiais de produção da *Folha da Serra*”, abordando questões em torno da materialidade física/interna, capa, formato etc.; e “Dimensões de circulação da *Folha da Serra*”, com ênfase para a periodicidade e a distribuição. O capítulo busca apresentar a *Folha da Serra*, seus editores, lugar de origem, materialidade, quem escrevia na revista, do que tratava os conteúdos textuais e imagéticos e quais eram os objetivos propostos.

O segundo, intitulado “A cidade: Campo Grande anunciada pela *Folha da Serra*”, expõe, a partir dos dados informados ao longo dos 10 anos de circulação da revista, dimensões em torno da sociedade, urbanidade e economia da cidade sede, com ênfase nos seguintes subitens: “Campo Grande ao sul de Mato Grosso” e “Campo Grande e seu entorno pelos anúncios e propagandas”. O capítulo registra um dos maiores objetivos da *Folha da Serra*, de construir uma imagem representativa sobre o sul do Estado, sobretudo, a cidade de Campo Grande. Assim, analisamos o que a revista entendia por modernidade, civilidade e progresso, a fim de educar seus leitores, segundo os modelos representativos criados, considerados atestados desses preceitos.

O terceiro, “A Educação: ensino formal nas páginas da *Folha da Serra*”, apresenta elementos sobre a institucionalização da educação escolar na cidade de Campo Grande, a partir dos seguintes subitens: “As escolas anunciadas nas páginas da *Folha da Serra*”; “Escola dos filhos dos funcionários da Ferrovia, educação técnica e profissionalizante”; “Ensaio de Ensino Superior em Campo Grande nos anos 1930”.

E por fim, o quarto e último capítulo “A Biblioteca: a educação extraescolar promovida pela *Folha da Serra*” destaca a origem da referida biblioteca, bem como seus desdobramentos na cidade de Campo Grande. O capítulo está organizado em dois subitens: “Gênese e funcionamento da Biblioteca Pública de Campo Grande”; “Eventos produzidos pela Sociedade da Biblioteca de Campo Grande”.

Agradecemos a todos que durante esse percurso investigativo dialogaram conosco.

Esperemos que a leitura seja tão prazerosa como foi para nós escrever este livro.